

Por uma biografia da coisa-livro ou uma escavação dos afetos depositados nos livros

For a biography of the book-thing or an excavation of the affections deposited in books

Marcos Samuel Costa da Conceição¹

PPGA-IFCH-UFPA

marcosconceicao910@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-2390-9191>

Genisson Paes Chaves²

PPGAA-INEAF-UFPA

paes.paesg@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0001-5091-9523>

Inara Mariela da Silva Cavalcante³

PPGA-IFCH-UFPA

inaracavalcante@ufpa.br – <https://orcid.org/0000-0001-9999-8728>

DOI 10.5281/zenodo.14511030

Resumo

Neste artigo objetivamos compreender os diferentes vestígios deixados por anônimos em livros usados. O trabalho foi feito em sebos de Belém do Pará, em espaços conhecidos e respeitados por promover o livro e a leitura. De maneira específica, buscamos identificar e analisar o que as pessoas deixaram, refletir sobre seus propósitos e o papel social desempenhado pelos sebos espalhados pelo Brasil. A pesquisa seguiu os referenciais antropológicos e uma “pequena” conversa com a arqueologia, no que diz respeito à Cultura Material. Nesse sentido, fizemos observação direta e participante, entrevistas semiestruturadas com vendedores de sebos e com clientes, amantes de livros. Ao todo foram encontrados 24 vestígios dentro de livros. Esses elementos conversam conosco e com o nosso sentir, perceber e lidar com os objetos, na medida em que o livro usado é também um canal pelo qual escrevemos biografias de nós leitores e leitoras.

Palavras-chave: sebos; vestígios; sentimentos.

¹ Mestrando em Antropologia (PPGA-IFCH-UFPA); Assistente Social (UFPA); Especialista em Saúde Pública (UNIFATECIE) e Licenciado em História (UNILINS).

² Doutor e Mestre (PPGAA-UFPA); Graduação em Ciências Sociais (UFPA) e Pedagogia (UNINTER).

³ Doutora (PROESA/USP); Mestra (PPGSAS-UFPA); Especialista em Enfermagem Oncológica (UEPA); Graduação em Enfermagem (UEPA).

Abstract

In this article, we aim to understand the different traces left by anonymous individuals in used books. The work was conducted in secondhand bookstores in Belém do Pará, in spaces known and respected for promoting books and reading. Specifically, we sought to identify and analyze what people have left behind, reflect on their purposes, and explore the social role played by secondhand bookstores across Brazil. The research followed anthropological references and included a “small” dialogue with archaeology in relation to Material Culture. In this sense, we conducted direct and participatory observation, as well as semi-structured interviews with secondhand bookstore sellers and customers who are book lovers. A total of 24 traces were found within the books. These elements communicate with us and with our feelings, perceptions, and interactions with objects, as the used book is also a channel through which we write the biographies of ourselves as readers.

Keywords: Second-hand bookstores; traces; feelings.

1. INTRODUÇÃO

“Em cada coisa compacta,
em cada dura e indivisa matéria,
esteve sempre os restos
que um dia há de ser”
Dércio Braúna

O fragmento de poema acima, de Dércio Braúna (2017), presente no livro “Escrivências”, sugere algo que abarca todo este artigo: a coisa sempre é o que poderá ser no futuro. Por exemplo, uma receita médica solta que se perdera, terá uma chance menor do porvir se comparada a outra receita que fora datada, nomeada e guardada dentro de um livro. Ambas têm biografias, ambas têm um possível porvir. Porém, a segunda ganhou um guardião, ou seja, o livro. Usamos uma metáfora-frase para esse trabalho por uma “arqueologia de bolso”, foi pensada pelo fato de que, ao abrir e fotografar os livros, era como se estivéssemos fazendo uma prática arqueológica que coubesse no bolso, assim como a coleção de livros-de-bolso que guardam diversos universos (infinitos) dentro de si⁴.

E até quando pensamos/imaginamos, os fazemos a partir de coisas, disse a professora Márcia Bezerra⁵, certa vez em uma de suas aulas. Isso nos assustou um pouco, pois, apesar de tanta materialidade, não era no sentido cruel de materialidade que fomos percebendo como nossas vidas são tomadas pelas coisas. Nesse ínterim, se faz interessante

4 É uma edição de livro que apresenta um formato compacto e portátil, geralmente menor em dimensões físicas do que as edições padrão.

5 Na disciplina de Cultura Material, PPGA-UFPA 2024.

reconhecer como a materialidade da vida cotidiana é tomada por afetos, e como podem se encontrar e formar outras coisas, resultando em um conjunto de coisas.

Esta pesquisa foi realizada com base nos referenciais antropológicos, bem como emprestando ideias e temas da Cultura Material (da arqueologia, de alguma maneira). Nesse sentido, fizemos uso de observação direta e participante e entrevistas semiestruturadas. O trabalho de campo ocorreu durante quatro domingos seguidos (02, 09, 16 e 23 de julho de 2024) numa área da Praça da República que reúne vários sebos (pessoas que vendem livros usados), na capital Belém (PA). Foi feito por um dos autores, Marcos Samuel, que chegava sempre por volta das dez horas da manhã e ficava até a hora do almoço.

O espaço se localiza na Praça da República. É uma área coberta por mangueiras, com sombra e tem uma boa sensação de aconchego, por conta do ar livre, das pessoas e dos livros. Apesar de ali não ser um ponto fixo, as pessoas se deslocam para aquele espaço todos os domingos para venderem os livros usados. Muitas pessoas circulam por ali, sejam homens, mulheres, jovens, idosos. A maioria dos responsáveis são homens. Durante a pesquisa encontramos apenas uma mulher, vendedora e responsável por um dos sebos.

Os livros usados estão aos montes, de todos os preços e com suas divisões e subdivisões: raros, raríssimos, comuns, amplamente comuns, com danificação, sem danificação e com pouca danificação. Os cheiros, a sensação de andar por entre os livros, os tocar, folhear ali mesmo, perceber seu estado real, é muito diferente da compra na internet (como em sites que vendem com valores muito abaixo do mercado como a Amazon, Magalu, mercado Livre e outros). E até mesmo de uma livraria onde encontramos apenas livros novos e que quase sempre estão revestidos de plástico.

Nos três primeiros domingos Marcos Samuel se voltou para os livros, e assim ia abrindo um por um e procurando coisas que as pessoas poderiam ter deixado em seu interior. Aqui e ali encontrava alguma coisa e a fotografava. Esta pesquisa foi motivada primeiro pela paixão pelos livros, depois pela possibilidade de uma investigação que tivesse um diálogo com textos e ideias da arqueologia junto à antropologia. No último domingo (23 de julho) o referido autor conversou com dois vendedores donos de sebo e com uma estudante que disse que compra muitos livros usados, sobre os possíveis motivos que poderiam fazer as pessoas deixarem coisas dentro de livros.

Este artigo está estruturado da seguinte maneira: em um primeiro momento refletimos sobre o percurso que nos fez entender a coisa-livro em suas correlações com o afetivo. No segundo momento fazemos uma tentativa de escrever uma biografia da coisa-livros. Por último, o que no fim das contas são colocados nos livros e o porquê de deixar resquícios de nós para pessoas que não conhecemos.

2. PREDILEÇÃO, AMOR E QUANDO OS AFETOS SE ENCONTRAM

Optamos pela terminologia “coisa”, chamada aqui de coisa-livro, mesmo correndo o risco de cometer um pleonismo ou de ser redundante. Nossas considerações se pautam

em Gell (2012), que argumenta que a coisa é um “acontecer”, um lugar onde várias coisas se entrelaçam. E essa coisa-livro, ao nosso ver, é um acontecimento que abre espaço para várias coisas acontecerem e se entrelaçarem, possibilitando a criação de cosmopercepções de mundo, dimensões e realidades.

Gell (2012) afirma que “Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião.” É isso que sentimos com a coisa-livro, isto é, sentimos como extensão da construção das chamadas “coisas”, assim como somos protagonistas na construção de possibilidades ao pensarmos a dimensão que os livros proporcionam.

Isto é, sua agência sobre nós, enquanto nos convida a entrar, para participar de uma reunião onde várias coisas se encontram e juntas formam essa outra coisa. Conforme o portal de notícias Publishnews (2012):

As livrarias de sebos – ou alfarrabistas –, como se dizia tradicionalmente, cumprem vários papéis importantes para a indústria livreira. Ali podem ser encontrados não apenas livros usados que ainda estão no mercado – às vezes em edições mais antigas, inclusive com ortografia ultrapassada – como também exemplares de edições esgotadas e fora do mercado. Ao manterem à venda esses títulos, os sebos cumprem, em parte, um papel tradicionalmente reservado às bibliotecas públicas. A memória editorial do país, que não se sustenta no deficientíssimo sistema de bibliotecas que temos, faz dos sebos o depositário de títulos que, por uma ou outra razão, deixaram de ser publicados, mas que nem por isso são menos importantes para a formação universitária, para pesquisas, etc. Do ponto de vista social, esse é o papel mais importante dos sebos. Neles se produz uma espécie de reciclagem dos exemplares. O que não é mais interessante para alguém, pode ser o exemplar longamente procurado por outro leitor, que não o encontra nas bibliotecas.

Fazendo um breve percurso de como tudo isso passou a tomar nossos pensamentos e ideias, devemos dizer que, a predileção de um dos autores por livros usados começou por volta de 2015, quando uma colega do preparatório para o vestibular lhe disse que um senhor vendia livros usados na Avenida Magalhães Barata, perto de onde ele estudava. Na época estudava na Alcindo Cacela (entre Av. José Malcher e Av. Magalhães).

Na época ela (a colega) havia percebido que ele gostava de livros, não por menos, pois sempre chegava nas aulas com algum livro na mão, que geralmente lia no ônibus. Na primeira vez que ele tentou encontrar esse vendedor de livros usados, o mesmo não estava no seu local de costume, pois, havia chovido.

E não tardou para enfim encontrar os livros sendo vendidos na rua, em frente ao Colégio Gentil Bitencourt, e assim, passaria anos e anos comprando livros usados e criando o seu acervo (que tanto o ajudou a pensar, escrever e experimentar literatura). E quiçá, o incentivou a ser hoje um pós-graduando numa Universidade Federal. O primeiro atrativo foram os valores, para quem mal podia pagar as passagens de ônibus, comprar livros baratos foi/é uma dádiva.

Sua relação com esses livros foi aumentando e se tornou uma espécie de paixão pelas edições antigas, livros fora do mercado, obras raras e assim por diante. Foi em um sebo que o autor principal encontrou o "Velas. Por quem?" (edição hoje rara) de Maria Lúcia Medeiros, um dos livros de contos que muito o marcou, assim como o "Para não consolar" (muito mais raro ainda), uma coletânea de poemas de Max Martins (talvez a primeira reunião de seus poemas) e assim por diante.

Percebemos outra coisa nesses livros, isto é, suas marcas, deixadas por seus leitores anteriores e autores (dos autores, os autógrafos), mas do leitor, algo muito mais complexo: rasuras e uma espécie de rastro afetivo.

Era comum encontrar dentro desses livros fotografias de pessoas, calendários antigos, recortes de reportagens, entre tantas outras coisas. Esses objetos, mesmo que avulsos, estavam ali sinalizando que outro leitor deixou dentro do livro, que pode passar a ser, esse lugar de memória onde depositam algo particular, seu.

Dessa forma, pretendemos abordar sobre os objetos deixados nos livros como uma forma de registro arqueológico, a qual, nos transmite histórias e afetos de seus antigos donos, podemos chamar esse fazer arqueológico de Arqueologia Alternativa (Gnecco, 2012), essa arqueologia que escapa da padronização hegemônica e positivista, muitas vezes, encontradas no espaço acadêmico.

A perspectiva do pensamento Pós-processualista, corrente que influenciou a Arqueologia e ganhou força a partir dos anos 70, nos permite não só descrever os registros arqueológicos, mas também os seus significados e valores para determinados grupos.

O Pós-processualismo, segundo Rodrigues (2022) Apud Lane (2006):

Já no âmbito pós processualista, as pesquisas concentraram-se em descrever detalhadamente como a cultura material e sua organização espacial funcionam de forma recursiva em contextos etnográficos particulares, com mais atenção sobre os significados culturais específicos e menos preocupação em como esses estudos poderiam ser usados para interpretar registros arqueológicos particulares. (Rodrigues, 2022 *Apud* Lane, 2006, 2022, p. 282).

A visão pós-processualista possui um caráter interpretativo e subjetivo, valorizando a comunidade onde estão sendo realizado os estudos arqueológicos, no nosso caso, os sebos destacados acima e os livros usados como locais para armazenamento das chamadas coisas.

E depois algo mais complexo foi se mostrando, as marcas feitas manualmente, para além de marcação de trecho, destaque e breves anotações. Algo como uma segunda escrita. Uma edição antiga de um livro de poemas de Eunice Arruda continha, ao lado dos poemas, textos da leitora/poeta, escritos em caneta vermelha (no livro foi encontrado um nome de uma mulher e uma data que remetia a 1982). São essas histórias paralelas que um

livro pode contar através do que ficou guardado em seu interior que fazem os livros dos sebos serem especiais.

Um dos romances de Faulkner, também comprado em sebos, contém, ao longo do livro, a expressão de sentimentos diante da leitura e alguns desenhos. A pessoa que o leu antes, não assinou nome e nem data para imaginarmos quem ela poderia ser. Mas deixou os seus registros. Os desenhos indicam a possibilidade de um(a) leitor(a) sensível. O romance é o "Enquanto agonizo", e em todos os trechos que falam dessa mãe moribunda diante da morte, essa reação de tristeza da pessoa que leu aparece (desenhos de expressões tristes, sublinhamentos, destaques). Para nós, isso reforça a intensidade do próprio texto.

Não podemos esgotar aqui tudo o que pensamos sobre livros usados e suas marcas afetivas, mas algum caminho é possível de perceber, o que para a arqueologia se trata (também?) da biografia do objeto.

3. AS MUITAS COISAS NO LIVRO: DESCREVENDO UMA OUTRA BIOGRAFIA

Partindo de Ribeiro (2013) para pensar na “vida social” do livro usado e entendendo que doravante este foi um produto da indústria que circulou no mercado, teve um valor agregado a ele considerando múltiplos fatores (editora, autor, qualidade gráfica, tipo de papel, tipo de capa e até mesmo em qual livraria ou meio foi comprado, se direto com o autor, se no site da editora), como brevemente foi elencado, o livro usado teve uma vida social anterior e depois que passa por novas vidas ganha outras conotações.

Ribeiro (2013) questiona sobre esses processos sociais capazes de fazer com que os bens materiais, neste caso, o livro usado, que é outra coisa (diferente do livro novo), possuam sua própria “identidade” (como são vistos e comercializados). E tentando não inventar ou deduzir, mas partindo de observação e do próprio envolvimento afetivo com os livros usados, queremos pensar em sua identidade.

Além disso, devemos colocar em xeque o conceito de “escavar” e nesse contexto concordamos com Gnecco (2012). Para o autor, o ato de escavar transcende seu caráter empírico: ela é uma ideia, quase uma metáfora, profundamente associada à noção de um passado enterrado. É justamente nessa relação entre escavação e passado oculto que reside a particularidade e importância da arqueologia. Esse vínculo oferece um acesso privilegiado ao passado, atingindo uma profundidade temporal que supera, por exemplo, a da história.

Segundo o autor, o consenso sobre a arqueologia, previsto nos anos 1960, foi descentrado pelo surgimento de novas abordagens e correntes de pensamento, mas ainda persiste um forte entendimento sobre dois elementos centrais e resultados da disciplina: a escavação e a materialidade do passado. A arqueologia fundamenta-se na ideia de que o passado está enterrado e codificado nos objetos; assim, a escavação emerge como o meio mais legítimo para captar essa materialidade. Nesse caso, a escavação seria a prática de

“desenterrar” os objetos encontrados nos livros em sebos na cidade de Belém, como já destacado anteriormente.

O valor monetário de um livro usado é julgado nos sebos, como observado durante as manhãs de domingo na Praça da República, a partir de alguns fatores: sua conservação, sua disponibilidade no mercado (se raro, se comum, se barato ou caro fora dos ambientes dos sebos), se tem marcas de contato com a água, se tem muitos riscos de caneta (que diferente dos riscos de lápis, obviamente, não podem ser apagados – algumas pessoas até consideram um “crime” riscar livros com caneta, nós não riscamos, outras pessoas riscam e até encontram nisso uma forma de apoio, por exemplo: os livros das bibliotecas das universidades carregam muitas marcações, rabiscos e comentários, que sempre ajudam os próximos leitores, dando a sensação de partilhar livros e conhecimentos.

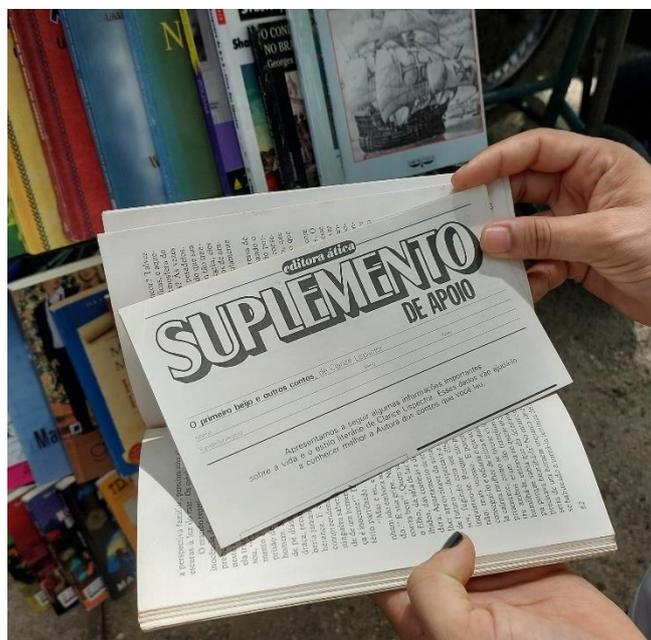


Imagem 1 – Coisas encontradas dentro do livro. Foto: Marcos Samuel Costa (2024).

Para todos verem: foto de um par de mãos segurando um livro aberto com um papel de editora que foi esquecido no livro.

Mas isso ainda não responde como os bens materiais possuem identidade. Avançando nessa análise, Ribeiro (2013, p. 347) questiona: “Se os bens não nascem contendo seus sentidos, então, quais são os fenômenos sociais que fazem significar os bens, para que eles, a *posteriori*, possam significar os homens?”.

Ribeiro chama esse processo de “história biográfica”, nesse caso, a biografia dos livros usados, que ao saírem do mercado e irem para esse processo, mesmo que de venda, seguem outras lógicas. Um dos autores, por exemplo, começou a comprar livros nos sebos pelos valores acessíveis, depois por não encontrar as edições mais disponíveis nos catálogos das editoras, e então lhe restavam os sebos.

O livro por si só é uma coisa muito complexa. É um amontoado de folhas de papel que é costurado por fios (ou colado, ou até mesmo grampeado), que reúne letras, signos e são capazes de nos partilhar conhecimentos. Indo mais além, como leitores de ficção, já tivemos a impressão de ter intimidade com personagens de um livro, de sentir saudades deles, de ter diversos tipos de sentimentos, especialmente os sentidos pelos personagens das narrativas. E não apenas, em nossa cabeça, tudo aquilo que o livro narra se desenrola em nosso inconsciente. Como muitos autores/leitores dizem, na leitura somos nós os diretores dos filmes que criamos mentalmente.

Essa biografia do livro usado cria uma curva na lógica do mercado e permite outras formas de perceber os fenômenos sociais que passam a ter esses bens materiais. Em uma das manhãs durante o trabalho de campo, Marcos Samuel ouviu uma conversa entre o livreiro de sebo e uma estudante, ela procurava livros sobre psicanálise, e ele lhe disse que vão muitos alunos até ele procurando esses livros. Ela não era a primeira e nem seria a última. Talvez nas instituições de ensino superior essa biografia do livro usado tenha chegado.

A primeira vez que Marcos Samuel ouviu falar da Estante Virtual⁶ foi na faculdade e desde então nunca deixou de comprar livros usados neste site. Tomando emprestado novamente as ideias de Ribeiro (2013, p. 347) que aborda que as trocas das coisas: “são a circulação e as transformações dos objetos materiais (...)”. Logo o livro usado é outra coisa, continua sendo a coisa-livro, mas também ganha uma biografia, uma história que pode ou não se desvendar, mas que sabemos que existe. Nesse sentido, ao levar um livro para casa que foi comprado em um sebo, sabemos que ele foi usado, lido por outra pessoa, que possivelmente essa pessoa deixou seus sinais e outras coisas, como veremos na próxima sessão.

4. OS QUE AS PESSOAS DEIXAM DENTRO DOS LIVROS

Durante esses quatro domingos de trabalho de campo, o procedimento foi simples. Marcos Samuel encostava nas bancas de livros e os folheava, e quando encontrava alguma coisa dentro, pedia para seu namorado fotografar. Mas vale a pena relatar que, mesmo tendo o objetivo de pesquisar, sempre separava os livros que lhe interessavam e negociava ao final de sua busca com o vendedor. Logo, pesquisador e leitor estavam lado a lado, um ajudando o outro no fim das contas.

Para análise das informações que as pessoas deixam dentro dos livros e do que foi encontrado, vem automaticamente na cabeça a ideia de “famílias” de artefatos de Velthem (2008), que entende que “família” está associada ao modo cooperativo das coisas. Aqui não, pois acreditamos serem coisas que não estão diretamente associadas.

⁶ Site de vendas de livros usados na internet, uma imensa rede de sebos.

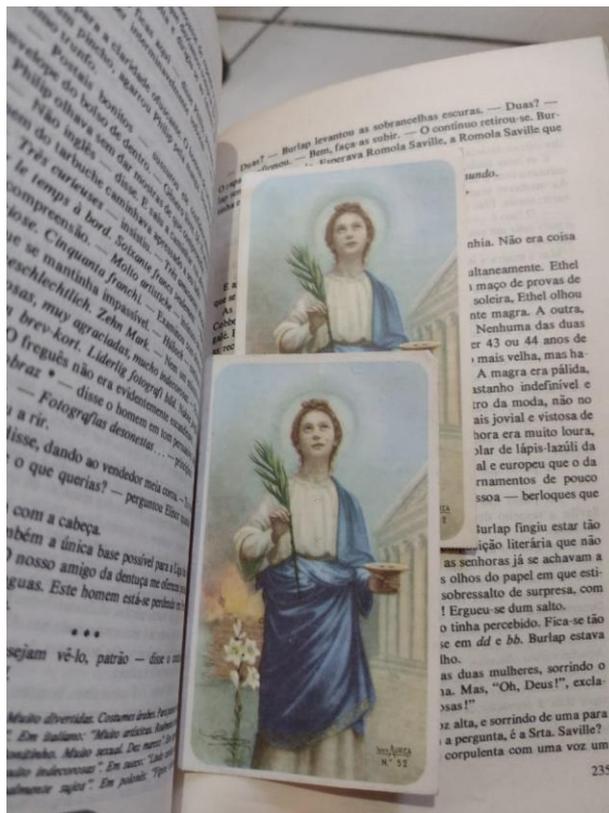


Imagem 2 – O que um leitor(a) deposita dentro de um livro para o esquecimento ou para sua memória. Foto: Marcos Samuel Costa (2024).

Para todos verem: foto de um livro aberto com dois papéis com a imagem de Santa Rita de Cássia que foram esquecidos no livro.

Antes de pensar teoricamente nessa sessão, vamos descrever o que encontramos na coisa-livro. Ao todo Marcos Samuel fez vinte e quatro registros que serão aqui brevemente abordados.

O primeiro registro foi bastante marcante, pois se trata de uma carta escrita em Lisboa em 1994. A carta estava dentro de um livro e dobrada. Ela tem um tom muito poético e nos ajuda a fazer essa viagem junto dela. Ela se endereça para uma pessoa chamada Lucinha e quem envia é alguém chamado Fiama. A carta fala de uma possível visita e intitula essa coisa de “este velho postal galego”.

Outra coisa encontrada foi um cartão telefônico que data de 2010. O namorado de Marcos Samuel comentou que há muito tempo não via um cartão desses. Marcos disse o mesmo. Seu namorado comentou também que quando criança os colecionava e que eles tinham muitas formas, cores e desenhos.



Imagem 3 – Um cartão telefônico de 2010 deixado dentro de um livro. Foto: Marcos Samuel Costa (2024).

Para todos verem: foto de um livro aberto com um antigo cartão telefônico que foi esquecido no livro.

Foram encontrados um recibo de uma consulta médica de 2000, um resultado de um exame de PCCU de 2019, notas fiscais apagadas pelo tempo, envelopes, cartão-postal, revista, suplemento de jornal, um poema escrito à caneta, imagens de santo, notas sobre o livro e anotações em folhas avulsas. Pensamos nesse conjunto como um todo, como uma família de coisas, que apesar de serem diferentes, se tornam “parentes” pela aproximação que passam a ter conosco enquanto leitores e amantes de livros.

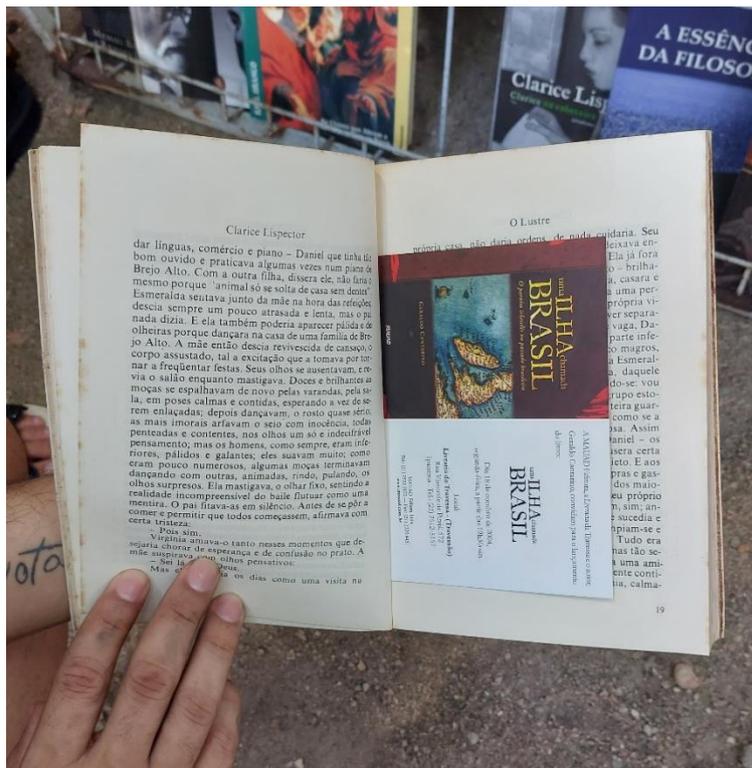


Imagem 4 – Postais deixados dentro de um livro. Foto: Marcos Samuel Costa (2024).
Para todos verem: foto de um livro aberto com um folheto que foi esquecido no livro.

Para Velthem (2008), existe uma correlação que se estabelece entre objetos de diferentes naturezas. Nesse sentido, pensamos o cartão telefônico ou um postal livre do livro, como coisas sem-teto, metaforicamente pensando. Sem essa casa, sem esse teto e a proteção que a coisa-livro oferece, a carta poderia ter sido perdida, molhado e se desfeito, o postal ter parado em um aterro sanitário, podendo existir ou não, ter ou não o porvir. Velthem (2008):

“As correlações estabelecem, na totalidade dos objetos, uma relação de parceria, de complementaridade na execução das funções que são requeridas para o processamento da mandioca, e as coincidências constituem o elemento que liga um objeto individualizado a outro de mesmo nome ou forma.” (Velthem, 2008, p. 15).

A autora trata de objetos, e aqui nesse trabalho estamos falando de coisa, chamamos coisa, e ela trata do processamento da mandioca e da casa-de-farinha, porém, elencamos para o suporte de análise a relação de parceria, como dito acima, sem a proteção da coisa-livro que passa a ser oferecida ao objeto ali depositado.

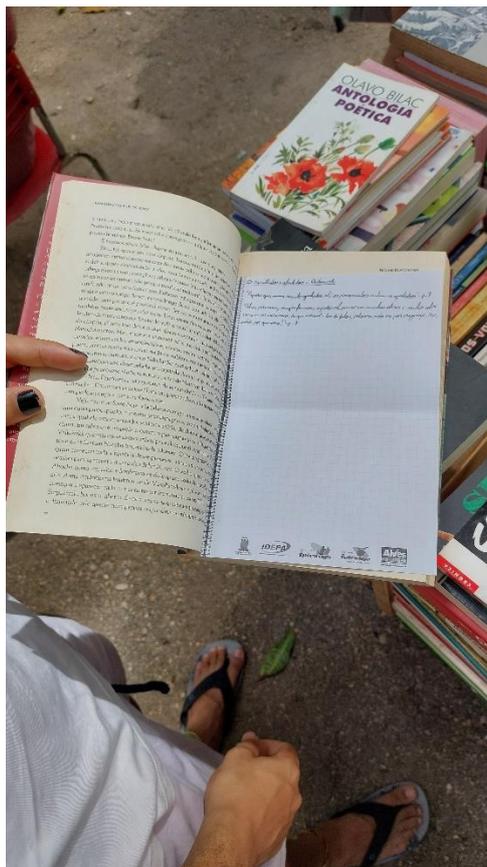


Imagem 5 – Anotações avulsas deixadas dentro de um livro. Foto: Marcos Samuel Costa (2024). Para todos verem: foto de um livro aberto com um papel escrito à mão que foi esquecido no livro.

Por familiaridade, tem-se livro e carta que são feitos de papel, assim como os cartões-postais, notas fiscais, resultados de exames. E o cartão telefônico apesar de não ser de papel, sua estrutura (fina, lisa e sem volume grande) cabe dentro do livro, pois o contrário também é real, não podemos guardar uma cadeira dentro dos livros.

Ao questionar os vendedores de livros nos sebos, autor principal, fez mais amizade (teve mais aproximação durante os dias de visita ao campo), sobre os motivos pelos quais as pessoas deixavam coisas dentro do livro, Andrey, (dono do sebo, um senhor aparentemente de meia idade e experiente no ramo das vendas em Belém), que também é leitor e um apaixonado pelo que faz, sugere que essas motivações sejam por conta de o livro ser plano, algo que oferece uma proteção, lugar onde a memória pode ser depositada. Já Cris do Sebo Sinhá Plural, sintetizou rapidamente que se deixam coisas dentro dos livros para marcar as páginas, isso quando se está lendo e não tem marcador, tudo serve, segundo ela.

Ambas as explicações são muito interessantes, elas podem nos ajudar a procurar essa resposta (que no fundo nem queremos que seja respondida, para não acabar a mágica e permitir muitos outros sonhos) do motivo que nos levam a deixar as coisas dentro dos livros, e que coisas são essas. Elas são muitas coisas e são coisas, que demarcam tempo e abrem veredas no presente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é um diálogo que pretende contribuir para se pensar alternativas arqueológicas que fujam da hegemonia positivista que impera nos espaços acadêmicos. É uma sinalização para que a população realize arqueologia a partir de objetos encontrados em livros ou outros objetos do cotidiano.

Muitas coisas podem ser pensadas e sonhadas sobre os livros usados, sobre o que as pessoas deixam dentro deles e os sentimentos que envolvem essa intensa maravilha que é amar os livros e tudo o que eles significam para nós leitores. Não se trata de uma conclusão acerca dos motivos pelos quais as pessoas depositam e/ou esquecem coisas dentro da coisa-livro, se proposital ou não, se para marcar a página e nunca mais voltar nesse território de leitura.

Mas pensar que todas essas motivações formam o campo subjetivo que nos faz depositários de coisas no livro. As manhãs usadas para observar e mesmo para comprar livros, foram marcadas por encontros com pessoas que comungam a importância dos livros para nossa formação. Nesse sentido, os livros ligam as pessoas a sentimentos, momentos e lugares. O encontro de coisas forma paisagens exuberantes em nossos sentimentos. Que floresçam o amor pelos livros.

REFERÊNCIAS

Brasil de Fato. Sem livrarias, sebos são principal fonte de acesso à literatura no Vale do São Francisco (PE). Edição: Vanessa Gonzaga. Publicado em 25 de julho de 2023.

Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/07/25/sem-livrarias-sebos-sao-principal-fonte-de-acesso-a-literatura-no-vale-do-sao-francisco-pe>>. Acesso em: 12/08/2024.

Braúna, Dércio; Neto, Joel. *Escrevivências: um livro de vidas imaginografadas*. Fortaleza: DELEATUR, 2017.

Correio Brasiliense. Resistência no mundo literário, sebos se reinventam durante a pandemia. Por Ana Maria da Silva. Postado em 01/04/2021. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/cidades-df/2021/04/4915412-resistencia-no-mundo-literario-sebos-se-reinventam--durante-a-pandemia.html>>. Acesso em: 14/08/2024.

Égua do Livro. Lista de todos os sebos de Belém do Pará. Por Thyago Santos. Publicado em 14/12/2017. Disponível em: <<https://egualivro.wordpress.com/2017/12/14/sebos-em-belem-do-para/>>. Acesso em: 14/08/2024.

Gnecco, Cristóbal. 2012. “Escavando” arqueologias alternativas. *Revista de Arqueologia*, 25(2), pp. 8-22.

Publishnews. Sebos, um mundo à parte. Por Felipe Lindoso. Publicado em 19/06/2012. Disponível em: < <https://www.publishnews.com.br/materias/2012/06/19/69019-sebos-um-mundo-a-parte>>. Acesso em: 12/08/2024.

Ribeiro, Magda dos Santos. 2013. Por uma biografia das coisas: a vida social da marca Havaianas e a invenção da brasilidade. *Etnográfica*, 17 (2): 341-367.

Rodrigues, Igor Morais Mariano. Conhecimentos em choque: um panorama sobre as transformações da etnoarqueologia. *Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, Goiânia, Brasil, 2022. v. 20, n. 2, p. 277–298.

Telles, Lygia Fagundes. Os objetos. In: TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 17-22.

Tradução: Gell, Alfred. 2005. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. Tradução de Jason Campelo. *Concinnitas*, 8 (1): 42-63.

Van Velthem, Lúcia H. 2007. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre). *Revista de Antropologia*, USP, 50 (2): 605-631

YAGISAWA, Satoshi. *Meus dias na livraria Morisaki*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2023.

Agradecimentos

Eu, Marcos Samuel, agradeço a professora Márcia Bezerra pelas aulas no primeiro semestre de 2024 no PPGA-UPFA de Cultura Material. Muita coisa mudou em mim. E sei que é um pouco disso que esperamos ao partilhar saberes. Agradeço também aos professores Genisson, Inara e Gabriel Karão Jaguaribaras (Gabriel Freitas de Sousa) pela atenção e leitura, e por terem se entregue a esse trabalho. Agradeço também aos professores Fabiano Gontijo, Edna Alencar por terem incentivado a buscas por possibilidades nesse primeiro momento do Mestrado.

Nós autores agradecemos aos donos de sebo, aos leitores que conversaram conosco e ao Rafael Moares pela companhia em todos os domingos de registros. E também ao Caderno 4 Campos pela oportunidade.

Financiamento

Bolsista CNPq

Data de envio (Recebido) 27 de setembro de 2024

Aceito em 17 de dezembro de 2024